



A TROMBETA LUZITANA.

*A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyranno,*

O TROMBETEIRO.

Non, je ne le croi poin: &c. est vous faire injure,
Que daigner un moment combattre l'imposture.

Voltaire. Egipo.

A indicação do Sr. Moura sobre as forças e meios que devemos apromptar para nos opormos a cem mil *Francezes*, que vão entrar em *Hespanha*, he hum objecto que seu auctor tem feito fecundissimo, e continuará a fazer todos os dias que entre em debate. Na *Sessão* de 24, em que a materia volveu á questão, entre ontras cousas, disse o Sr. Moura: = *Que o Congresso contrarianda as suas idéas, mostrava assim coincidir com as idéas dos inimigos da nossa causa:* = (1) Pondo de parte o despotismo louco com que pertende fazer passar as suas opiniões como infalveis, e o atrevido insulto que fez a seus Colegas, quem deixará de notar a imperdoavel contradicção em que se esbarrôu? Dias antes reprehendendo (é com razão) o systema que se hia propagando, de denominar *traidor* o Ministerio, disse elle = *Quem chamar traidor a alguém sem o provar seja reputado traidor elle mesmo* = Agora nesta *Sessão*, porque senão encorporam cegamente á sua opinião, chama traidores

[1] Muito feliz he este homem! não só lhe não derão com huma c... na c... mas nem ao menos foi chamado á ordem! He verdade que elle está nella ha muito tempo...

a seus Collegas, ou concidentes com os inimigos da causa, o que vem a ser o mesmo. Eis-aqui pois o homem que nos quer inculcar virtudes civicas, que elle não professa, esforçando-se em fazer passar como oráculos suas exaltadas opiniões.

He de certo admirável a ousadia com que este Depp. afirma no meio do *Congresso* objectos que não existem! Tâes são estas falsas afirmativas: = *Estâmos certos da opinião da Inglaterra a nosso favor: ella será sempre a nossa deffensora* = *A Europa sympatisa com os nossas instituições politicas.* Isto ditto a Tartaros seria desculpavel; porém, proferido n'um Congresso, á face de huma nação civilizada; e que está perfeitamente ao alcance da posição em que se acha para com ella mesma, e para com as demais potencias, he querer levar muito avante o systema da impostura. Se o Sr. Moura fizesse cortar primeiro todas as correspondencias que subsistem entre a *Inglaterra* e *Portugal*, ainda poderia fascinar por algum tempo a Nação; mas quando ella está conhecedora da politica ingleza, que nem ao menos quiz ainda reconhecer este systema de governo, he na verdade nunca vista ousadia em querer illudilla! O Sr. Moura aspira sem duvida a ser hum novo *Machiavel*, ou politico á *Napoleonica*. Aquelle aventureiro feliz, estabeleceu por systema politico, desnaturalizar a ver-

dade, o que praticou sempre com a maior impudencia á face do mundo inteiro. Mas não sabe o Sr. Moura que essa tactica só produziu effeito em quanto os povos dormião, e que he hoje tão conhecida, como desprezivel? De que serve estar o Sr. Moura a clamar no Congresso, que a Inglaterra espósa a nossa causa, e que a Europa sympathisa com nossas instituições, se toda a nação está vendo, e sabe o contrario? Em que se estribou o Sr. Moura para avançar tão denodado huma semelhante proposição? por onde lhe consta essa deliberação da Inglaterra?? Por as fallas de alguns membros da opposição na Camera dos Lords? Se tal he, mostra o Sr. Moura que não tem conhecimento algum do systema dos debates do Parlamento Inglez. Ainda materia, por mais justa que fosse, deixou de ser debatida pró e contra, naquella Parlamento. A'lem de que, os debates daquella Camera não devem ser de importancia alguma para o Sr. Moura, que he hum inimigo implacavel de Camaras Nobres, que denomina *Aulicas, Aristocraticas* etc.

A'lem de tudo isto, o Sr. Moura ignora, ou finge ignorar, que estes debates não alterão nunca nem a politica, nem o systema do Ministerio. O Rei, ali não he hum servo do Parlamento: obra independente d'elle, e só lhe pede subsidios quando quer fazer a guerra a alguma Potencia. A marcha dos negocios he toda sua, e a sua politica separada da do Parlamento. Daquillo que obra não tem que dar directamente satisfações a ninguem. Porém isto de certo não he do agrado do Sr. Moura, que muito deseja que a Inglaterra se regenere tãobem á moderna, segundo querem os *Radicaes* daquella paiz. Mas para lá não pegão as doutrinas dos *Hants*, e de outros anarquistas como elle.

E que diremos da *sympathia* que o Sr. Moura foi descobrir nas Potencias da Europa, com as nossas actuaes instituições? O certo he que o Sr. Moura he hum *non plus ultra* da sabedoria humana! Como elle, deste cantinho de Lisboa, observa tão exactamente o espirito da Europa! Forte genio se perdeu para a *Astronomia*! Que descobertas não haveria feito! *Hertchel* não haveria figurado tanto. O'ra esta descoberta quando a principal parte da Europa está de mão armada, a reprovar as novas instituições peninsulares, tem sua graça! he curiosa! E em que consistirá essa *sympathia*? nas apologias dos theoristas *Benthams* e *Constant*? Oh esses dous regenera-

dores exprimem solememente a opinião geral da Europa: está toda encerrada nelles, não tem duvida. Só se o Sr. Moura está persuadido de que esta aproximação de cem mil baionetas, he filha da incompreensivel lei da *sympathia*; isto he que entre as nossas instituições, e o áço existe huma atracção *sympathica*. Pois olhe que a ser assim, fez uma util descoberta para o progresso das sciencias naturaes.

Tudo o mais que o Sr. Moura disse na mesma Sessão para sustentar *oparecer*, comove, arrebatá, e enternece: *Cicero* nunca fallou ao Senado com mais energia e vigor! Se he verdadeira huma nota que se lê no *Diario* n.º 49, o Sr. Moura teve a habilidade de fazer rebentar nas galerias hum chafariz de lagrimas, capaz de causar huma inundação! e como o Sr. Moura não estaria fresco no meio daquellas duas cascatas! O'ra o tempo he proprio; que prégador para sexta feira santa! era sermão de valer hum par de vintens. Com que valentia e generosidade não clamou elle para que se fizessem todos os esforços e se sacrificassem todos os braços, todos os bens (1) todos os meios, todo o sangue, todas as vidas, sem se lembrar que na vespóra, e naquella mesmo logar tinha protestado contra a deliberação do Congresso por lhe tirar a escandalosa péxinha de sustentar correspondencias á custa da Nação!!! O'ra chorem lá no sermão de hum patriota destes! Outro officio, meu amigo. Eis-ali verdadeiramente ao que se chama, meter os caens á mouta, e ficar de fora: sangue, vidas, fazenda, arrisque-se tudo, mas elle da sua parte, não quer gastar nem seis vintens nas suas proprias cartas do correio!!!

Sr. Moura, esta sua elloquencia, he como o favo de mel na boca da serpente, escuzá de se cançar tanto que não produz effeito; he melhor que harmonise o que faz com o que diz, ou então o que diz com o que faz. Prégar moral, e virtudes patrioticas he a cousa mais facil e trivial que ha; qualquer fradinho da mão furada, engrimpado n'um pulpito, com as mãos nas mangas, he capaz de fazer chorar huma pedra. Mas isto não he o que nós precisamos agora, Sr. Moura: exemplos, exemplos he o que se quer, tudo o mais he embofia.

[1] A' excepção dos d'elle, que são trastes que não tem.

O desengano Final.

“Vossa Excellencia deve identificar-se com nosco; devemos perder-nos ou salvar-nos todos; o Governo não espera que V. E. vá recuperar o Brazil; esta expedição he necessario que vá para salvar o credito do Ministerio” (Intimação dos Ministros da Guerra, e da Justiça ao General Saldanha)

Quando Portugal todo cheio de indignação, clama inutilmente contra a errada, e criminosa conducta destes dous Ministros, he quando elles manifestão claramente as pessimas intenções de que se achão animados. Este he verdadeiramente o Manifesto da sua deshonra. Passemos a examina-lo em cada hum de seus artigos.

Primeiro. V. E. deve identificar-se com nosco.

Em que sentido deverá tomar-se esta identidade? Qual será o objecto a que ella tende? ao bem da Nação, ou aos caprixos do Ministerio? Eis aqui o que não pôde entrar em duvida; por que os Ministros declarão elles mesmos solemnemente ao general que he com os seus caprixos que elle deve identificar-se. Por esta forma, pertendião elles que o General servisse suas paixões particulares, indo n'uma comissão, que elles lhe dizem ser só sua, e não da Nação. E era com tão criminosas vistas que hum homem honrado havia de identificar-se? Era para servir dous prepotentes, dous miseraveis, que o general Saldanha havia de desembainhar a sua espada contra o Primogenito do seu Rei? contra seu futuro Monarcha? Não era possível caber tanta infamia no peito de hum nobre soldado, que tem sabido arriscar mil vezes a vida, só pela Patria, e pela honra, e nunca por aventureiros.

Segundo. Devemos perder-nos, ou salvar-nos todos.

Esta arrogante expressão he louvavel na boca de hum general, que exorta suas tropas em hum perigo imminente, a romper á viva força atravez de huma multidão immensa de inimigos; porém na boca de dous entes obscuros, que merecem o odio e desprezo de seus concidadãos, ou he muito desprezivel, ou muito odiosa! talvez ambas as cousas. Quem deixará de

ver nesta ousada intimativa o orgulho, que predomina naquellas duas pequeninas almas?! *Devemos perder-nos todos!!* Eis ahi, indignos, qual he vosso desejo, qual vossa esperança. Debalde o esperaes: vossa queda não será brilhante, por illustres victimas que a acompanhem: não, vós sereis precipitados sós, debaixo do escuro manto da ignominia!

Terceiro. O Governo não espera que V. E. vá recuperar o Brazil.

Que mais decisivas provas se exigirão ainda, para punir estes dous malevolos? Se não esperaes que se recupere o Brazil, para que lhe mandaes expedições? para que estáes dando o derradeiro golpe á Nação, esgotando-a de homens, dinheiro, e navios? para que lhe occultáes a impossibilidade de o recuperar? para que affligis inutilmente aquelle Povo? dizei, respondei, perversos? Com taes sentimentos, com tal conducta como não quereis ver erguer-se contra vós as mesmas pedras? Acazo vos persuadis que será eterno, que não terá limites nem remedio, o demasiado sofrimento de um Povo que tanto insultáes? Ah! Tremei!

Quarta. Esta expedição he necessario que vá para salvar o credito do Ministerio.

Eis-aqui declarado voluntariamente, por estes dous Ministros, o systema do Ministerio. E á vista desta confissão ainda haverá quem vacile por hum momento, sobre a incapacidade de hum tal Ministerio? Em verdade, todo aquelle que for verdadeiramente amigo da sua Patria, não poderá deixar de sentir hum forte impulso de indignação, vendo muitos centos de bravos soldados portuguezes, serem enviados em sacrificio a hum paiz remoto para o exclusivo fim de *salvarem o credito do Ministerio!!* O coração estremece só em pensalo! He correndo de precipicio em precipicio, que o Ministerio pertende salvar seu credito?! E hade servir hum exercito de bravos, e victoriosos soldados, de miseranda victima dos criminosos caprixos de dous homens, desacreditados de todo na opinião publica?! Ha de ser huma nação inteira a muda espectadora de huma tão horrenda declaração? Não hade dirigir seus clamores áquelles que instituío seus Representantes, para que mandem processar dous homens, que a estão sacrificando, e insultando na sua desgraça!

Não seja a falta de hum accusador quem os deixe ficar impunes. Aqui estamos nós, á face de Portugal o dizemos: apon-te-se esse tribunal que deve julgalos, e nós os desafiamos desde já, a comparecerem nelle, para ouvirem o libello de sua accusação; e desde já convidamos todos os bons Cidadãos, todos os amigos da Patria agravada, a encorporarem á nossa accusação, todas as queixas justificadas que tiverem a fazer contra elles. Designe-se o Tribunal, e então a Nação ouvirá nelle o longo relatorio das violencias que tem soffrido, pela criminosa conducta dos accusados.

(O Redactor.)

Revolução declarada.

O correio de hontem nos trouxe a noticia de que Domingo 23 do passado, se manifestára em Traz-os-Montes huma revolução Militar, a cuja testa se acha o Conde de Amarante. Diz-se que os corpos de linha daquella Provincia acceptarão as proposições do Conde, e lhe jurarão obediencia. Não sabemos ainda, quaes sejam os principios que proclama.

Apenas esta noticia chegou a Braga, grandes grupos de povo se dirigirão pelas ruas em altos alaridos de = abaixo a Constituição = e entrando ao depois nas lojas de Serigueiros, lhes rasgarão os laços constitucionaes, e o mesmo fizerão aos dos chapéus, que encontravão com elle, arrancando-os, calcando-os aos pés, e substituindo-lhes logo o antigo.

Diz-se que o General Rego, com tres batalhões, marchára immediatamente sobre Braga.

No Porto sentio-se a maior agitação nos espiritos, á chegada daquella noticia; porém a ordem não havia sido perturbada até ao dia 25.

Eis-aqui a Proclamação que o General Barros dirigio ás Tropas, e a que a Camara do Porto fez aos Habitantes daquella Cidade.

PROCLAMAÇÃO.

Meus Camaradas: sei que o bravo Exercito Portuguez, o primeiro proclamador da regeneração da Patria, não precisa

de incentivo que escore os briosos sentimentos que manifestou nos sempre memoraveis dias 24 de Agosto, e 15 de Setembro de 1820: mas se he permittido a hum vosso Camarada expôr-vos, que houve hum Militar degenerado, que se atreveo a proclamar a rebelião do Sistema Constitucional, eu vos declaro que o incauto Conde d'Amarante tentou, e deo voz de insurreição. Seguindo as pisadas do Pai, que se oppôz ao grito da liberdade, não admira que elle, ingrato á mercê do Titulo, e das Honras com que á pouco foi condecorado, seja a vibora retrahida no seio que lhe deo calor.

Camaradas: que confiança deve ter hum homem, que em quanto pedio Mercês, e Honras se cobrio de hipocresia constitucional, disfarçando suas damnadas intenções; mas que apenas elevado á Jerarquia Titular, pelo brioso esquecimento que o Governo fez dos des-serviços de seu Pai, quer só ser Conde, ou Regulo orgulhoso, déspota, e poderoso á custa do suor do Povo em geral? Se elle não quer entronisar a prepotencia feudataria, que intenta levar a effeito?

Povos Transmontanos; meus Patricios! Em que males vos sepulta esse rebelde? Suspensas vossas proximas feiras; vossos vinhos empatados; vossos interesses paralisados; tudo vai dar hum choque pernicioso ás vossas Propriedades. E quem he a causa disso? Hum estouvado, que eu confia em mão occulta que á sombra delle quer tirar vindictas de ressentimentos pessoaes, e então não he o zelo do bem publico, mas hum zelo farisaico que o move; ou entregue só ao seu talento fanatisado nos Clubs, que de tempos a esta parte buscou em Braga, e no resto da Provincia, elle he o instrumento da extincta Inquisição, que espera dar-nos ainda scenas de fogo, e de sangue!

Camaradas, que tendes os vossos Quartéis na Provincia de Traz-os-Montes, lembrai-vos de que sois Portuguezes livres, e que o Conde de Amarante vos quer fazer Portuguezes feudatarios: quer elevar-se á vossa custá, e á vossa sombra: mas a Patria tambem reclama a mesma sombra: hesitareis na escolha?

Quereis que digão as gerações futuras, que a vós se deve a escravidão da Patria, e que os Villa-Realezes forjarão os ferros que de novo encadearão os direitos do Cidadão? Eia! Mostrai-vos dignos filhos de Portugal Regenerado: evitai a guerra ci-

vil: os males que ella produz são incalculáveis: morre-se nos tumultos ás mãos de hum amigo, de hum parente, de hum inimigo, de hum pai, de hum filho, de hum visinho. . . . Que horror, só de pensalo! . . . Voltem-se os ferros para os inimigos externos da Patria; abandonai os rebeldes ás Leis que offenderão: ellas decidirão da sua sorte.

Patricios, Camaradas, Portuguezes:

Viva a Religião, a Lei, a Constituição,
e El-Rei.

Viva o Exercito Portuguez Regenerador.

Quartel General do Porto 25 de Fevereiro de 1823.

Antonio Lobo Teixeira de Barros.

Brigadeiro Encarregado do Governo das
Armas da Cidade e Partido do Porto.

PROCLAMAÇÃO.

*Aos Habitantes da Cidade Regeneradora, a
sua Camera Consttucional*

Illustres e honrados Concidadãos: A vossa Camara Constitucional fiel aos deveres que contrahio comvosco, e zelosa de satisfazer quanto em suas forças caiba á confiança que depositasteis nella, unida estreita e indissolovelmente com as Authoridades Ecclesiastica, Militar, e Civil, que dirigem o governo desta heroica e sempre Leal Cidade, com bem mágoa e sentimento vos annuncia, que homens destanurados filhos da Patria, seduzidos por uma facção infame de que se aponta, como chefe o Conde d'Amarante, ingrato aos beneficios com que a mesma Patria ainda ha pouco o distinguio, ouzárão acclamar em Villa Real o despotismo, e a anarchia, sem precaver seus tremendos resultados; e tentárão lançar á Patria os ferros da escravidão, que nesta mesma Cidade lhe serão quebrados: prejuros ao Sacrosanto juramento que prestarão de guardar inviolavelmente a Constituição de 1822, conforme o exemplo que lhes deu o melhor dos Reis, seguido pela Nação inteira, commetêrão hum horrendo attentado, e tornárão-se execraveis aos olhos de todos os Portuguezes fieis e honrados.

Concidadãos! A Camera intimamente

convencida de vossos patrioticos sentimentos, confia em vós, e vos convida á tranquillidade, assegurando-vos de que por nada tendes que temer, e que desveladamente ella hade empregar suas forças para manter illeza a vossa segurança, a Constituição da Monarchia; o que esperão conseguir como hum resultado da união que firmemente tem contraido comvosco, e com as Authoridades Ecclesiastica, Militar, e Civil desta Heroica Cidade.

A obediencia ás Leis, e ás Authoridades Constituidas, he o primitivo dever do Cidadão. Estai tranquillós: Vós sereis informados de tudo; e só quando a mesma Camera deixar de existir, só então podereis desconfiar do seu Patriotismo, e de que ella deixará de vigiar em vossa segurança e socego.

Illustres, e Honrados Concidadãos: União, Obdiencia, e Tranquillidade: assim debellaremos os inimigos da Patria.

Porto em Camera Extraordinaria de 25 de Fevereiro de 1823. = Viva a Religião: Viva a Constituição: Viva El-Rei Constitucional. = P. Thomaz da Silva Ferraz; Antonio Ferreira Velho; Antonio Ribeiro Braga; Carlos Vieira de Figueiredo; Arnaldo VanZeller; Manoel Alves da Cruz; Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto; João da Silva Brandão; Joaquim Jozé de Sá Passos.

F R A N Ç A

Pariz 4 de Fevereiro.

Esta noite ás oito horas recebeo o Rei na Salla do Throno a grande Deputação encarregada de apresentar a S. M. a Memoria da Camara dos Pares. S. Ex. o Chanceller de *França* se exprimio nos termos seguintes:

” Senhor, — Os vossos fieis subditos Pares de *França* vem, nesta solemne occasião renovar ao pé do Throno a homenagem de seu amor e de sua respeitosa dedicação.

” Sim, Senhor; a situação do Reino tem melhorado sob hum Governo paternal; a Agricultura, a Industria fazem todos os dias novos progressos, ao passo que a segurança cresce quando se vê reprimir energicamente a Justiça as criminosas tentativas com que a impunidade augmenta ao mesmo tempo a audacia e o numero delias.

Resolvendo de acordo com a Santa Sé, as providencias que vão restituir ás Igrejas os Pastores de que as privou a Revolução, tem V. M. provido ás primarias precisões do seu Povo, e firmado a ordem social sobre o sua base por nimio tempo abalada. O prospero estado da nossa Fazenda prova de brilhante modo o que ha direito de esperar de hum systema fundado no livre voto das imposições, na fiscalisação das contas, na publicidade das operações, na ordem, e na economia. Assim, a sobra da Receita além da despeza, essa sobra que chega á somma de 40 milhões, permittiria a V. M. cumprir este anno o desejo mais caro ao seu coração, o alivio do seu povo, se o Genio do mal, que revoa sobre um paiz visinho, não tivesse vindo retardar este grande beneficio.

Com que necessidade será perdido para a Hespanha o memoravel exemplo do progresso rapido, inesperado, de nossa prosperidade depois das desgraças e das inauditas perdas, quando este regresso evidentemente he devido ao triunfo da Legitimidade, bem como a intima alliança da Religião, da ordem, e da liberdade? E por que fatalidade os desinteressados conselhos de hum Monarcha, cuja sabedoria a Europa respeita, e cuja lealdade e honra tem sido recusados por aquelles que conservão debaixo do jugo huma Nação, com a qual nós temos não só relações de vizinhança e de reciprocas precisões, mas tambem os vinculos que nascem do interesse politico de huma fé commum, e do parentesco dos Soberanos?

Senhor, para preservar Hespanha de imminente ruina, cujas consequencias serião funestas á nossa propria tranquillidade, tendes chamado ás armas com mil Francezes. A' sua frente marcha hum Principe da vossa Familia Augusta, sempre pródiigo de seu sangue quando se trata de sua e da nossa gloria. Hum tal Exercito era digno de ter por chefe hum Principe de hum valor experimentado (*); suas virtu-

(*) Aqui a lisonja parece ter o caracter de ironia.

des são o seguro penhor que V. M. apresenta ao Povo que quer libertar, a esse Povo a quem se offerece hum apoio tutelar para se esquivar finalmente a anarquia que o devora, com o apoio de instituições livremente emanadas da Authoridade legitima, feitas para garantir sua felicidade, e ao mesmo tempo o socego das Nações.

Em sua justa sollicitude por humas das classes mais interessantes de seus subditos, ordena V. M. que se dirijão grandes cruseiros a todos os pontos que mais importão á segurança do commercio Francez. A nossa Marinha, não o duvidamos, desempenhará esta missão protectora com o zelo e actividade que ostentou nos mares do Levante, quando nossos Vasos servirão de refugio aos desgraçados de todas as nações, e quando pôde ser que pela primeira vez, hum apparatus bellico recebeo as benções dos amigos da humanidade.

Pertence a V. M. deliberar por si sobre as grandes questões que guerra ou paz. Esta funcção da alta prerogativa que a Providencia vos ha confiado, vós a tendes exercido com a madureza que circumstancias tão graves requerião. Pela nossa parte, Senhor, certos em vosso amor para com os vossos povos, que se a guerra for inevitavel, vo-la fará cingir ao mais estreito circulo; confiados em vossa prudencia, que não hade deixar escapar occasião alguma de concluir huma paz honrosa, recebemos com respeito esta importante communicação, e repetimos com vosco que somos Francezes.

Sim, Senhor, os Pares do vosso Reino, para os quaes o nome de Francezes he o mais bello de todos os titulos, tem os sentimentos, e conhecem os deveres de Francezes; e com todos os seus esforços hão de concorrer a sustentar a dignidade da vossa Coroa, a honra e segurança da Patria.

O Rei respondeo: " Com prazer recebo a Memoria da Camara dos Pares; o concurso dos sentimentos de que ella está animada he a melhor garantia da prosperidade do Estado. "